

Recortes do pai kafkiano em Morreste-me, de José Luís Peixoto

You died on me, by José Luís Peixoto: passages of the kafkaesque father

Luciana Abreu Jardim¹

RESUMO: A proposta de leitura de *Morreste-me*, de José Luís Peixoto, que segue será realizada a partir da minha condição de estrangeira em relação ao vínculo pai e filho. Dessa (im)possibilidade de chegar ao lugar do outro, o do filho, estabeleço o que chamo de costuras textuais, de modo a me aproximar da narrativa de luto do pai. Para ler esse relato de tom confessional, busco a noção de herança, segundo as considerações de Jacques Derrida, em entrevista para Elisabeth Roudinesco. Nessa perspectiva de filiação, elejo a *Carta ao pai*, de Kafka, para me acompanhar na tentativa de reunir os fragmentos textuais dessa perda. Nesse processo de escrita estrangeira, recorro também às contribuições de Julia Kristeva, em *Sentido e contrassenso da revolta*, no tocante à interdição da lei paterna e a consequente experiência-revolta advinda da atividade da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Herança. Escrita. Alteridade. Relato confessional. Condição estrangeira.

Escrever sobre o pai a partir de uma condição feminina é um deslocamento arrojado, destinado à perdição e ao fracasso, uma experiência do não-vivido, uma escrita que acontece apenas pela vontade intrometida de me aproximar de uma relação que se estabelece, silenciosamente, entre homens. Ainda que a sua recepção se alastre para outros públicos, a carta de um filho para o seu pai deixa ecoar uma rede de fantasmas muitas vezes invisíveis ao meu universo. Escrever, portanto, a respeito de escritas destinadas ao pai, da minha condição estrangeira de flagrar situações tão fortes quanto escorregadias, as quais foram escritas por homens e para eles, apenas toca, empática e superficialmente, nesse vínculo secreto, de disputas e mistérios, cujas heranças remontam a uma temporalidade desde sempre irrecuperável – mesmo para eles.

1 O PRIMEIRO OUTRO

É nessa condição de estrangeira, de alteridade radical, que parto do primeiro outro na vida de qualquer sujeito falante. Curiosamente, esse primeiro outro das nossas vidas, que viabiliza a manifestação do campo de afetos entrelaçado à linguagem, não está na imagem poderosa do pai, mas eclode naquele primeiro vínculo que nos dá à luz: uma outra, ou a mãe. No despertar da nossa civilização, Kristeva nos lembra que as Danaides constituíram os nossos primeiros

¹ Pós-doutoranda em Letras Capes/PNPD, FURG. E-mail: lucianajardim.l@hotmail.

estrangeiros, na verdade foram estrangeiras (1994, p. 48). No início, pode-se argumentar que foram elas que ocuparam a posição de fora – a de outro lugar. É por essa via oblíqua que eu me permito essa inusitada aproximação da narrativa de José Luís Peixoto. *Morreste-me*, publicada em 2000, pode ser lida como uma carta ao pai morto, uma narrativa que resulta de uma experiência dolorosa, que, por ser tão próxima da experiência vivida, dissolve e desloca possíveis julgamentos estéticos. Não obstante, seu autor, para além do desafogo da perda, transforma o luto em literatura.

Meu primeiro contato com esse narrador dá-se por intermédio dela: a outra, a mãe. Essa figura, que pouco aparece no relato cujo protagonista é o pai, surge, no entanto, para acompanhar e amparar o filho no que é chamado de “dor oceânica”; seguindo as palavras do personagem-narrador: “Enquanto esperava pela minha mãe e pela minha irmã, as pessoas passavam por mim como se a dor que me enchia não fosse oceânica e não as abarcasse também” (PEIXOTO, 2015, p. 8). Nota-se que o sentimento oceânico revela-se, curiosamente, segundo a teoria freudiana, associado ao que circula no âmbito literário. Em *O mal-estar na civilização*, Freud menciona a troca de cartas com o escritor Romain Rolland, resumindo a definição deste sentimento, sendo associado, em nota de rodapé, a obras tais como *La vie de Ramakrishna* (de 1929) e *La vie de Vivekananda* (de 1930): “Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de “eternidade”, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras – “oceânico”, por assim dizer” (FREUD, 1997, p. 9). Ainda que o psicanalista não tenha passado por essa experiência, conforme ele mesmo testemunha, reconhece, em contrapartida, nesse estado a manifestação de um “vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo” (FREUD, 1997, p. 10).

Para Pontalis e Mango, a inspiração desse sentimento deveu-se à herança narrada pela mística hindu, que é diferente da cristã, uma vez que o acesso ao estado divino nesta não é imediato como acontece na outra. Na intenção de explicar esse sentimento obscuro, os autores retomam o relato de Ramakrishna a respeito dessa experiência, que fora tema de um livro de Rolland: “estando às voltas com uma angústia intolerável, percebeu um oceano de espírito sem limites e sentiu marulhar um oceano de alegria dentro de si” (2013, p. 165). Em *O mal-estar*, Freud observa que, no estado arcaico do nosso desenvolvimento psíquico, anterior à significação, não há a demarcação de fronteira entre o Eu e o objeto. Assim, Freud remonta à relação arcaica entre mamãe-bebê, para nos mostrar que o corpo materno, sobretudo os seios, que ganham a cena daqueles que estão imersos numa malha de sensações, levam à distinção entre o Eu e o mundo externo. Nessa medida, a mãe desempenha papel crucial para o futuro sujeito falante. A metáfora da dor oceânica, lançada por Peixoto no início de seu relato agônico, não ignora o

nosso primeiro outro, na verdade uma outra, no processo de desenvolvimento psíquico. Ainda que a metáfora de tonalidade freudiana sirva, no relato de Peixoto, para ilustrar a sensação de desamparo diante da morte do pai, o protagonista do relato, o narrador chama à cena as mulheres próximas de sua família: não apenas a mãe, mas também a irmã. Somente elas seriam capazes de sintonizar com essa dor que dependeria de um pai para se transformar, pois elas também estão perdendo esse “pai” – símbolo de demarcação de fronteiras, autoridade e (re)organização desses estados arcaicos, esmaecidos pelo tempo, ressignificados pelo trabalho da linguagem e, ainda assim, carregados de vestígios tão exuberantes quanto perturbadores.

Nota-se que, no sentimento oceânico descrito por Freud, o pai também participa da cena. O pai, nesse caso, simboliza o que Freud reconhece como a necessidade de proteção requerida na infância. Percebe-se que os desdobramentos religiosos do sentimento oceânico são questionados pelo psicanalista (1997, p. 19). No entanto, para a nossa análise, subsiste o reconhecimento da necessidade de um pai, que irá, em alguma medida, a despeito de seu vínculo histórico com as interdições religiosas, servir como amparo nesse fluxo de sensações contrastantes.

Dentro de mim, tu sabes, a dor constante a dor constante. Tu sabes. A capela à minha frente aproximava-se no vagar lento dos meus passos de procissão. Os ciprestes falavam lamentos acumulados. E caminhava como se o corpo desistisse de me acompanhar. Sem corpo. Imaterial e com o peso incômodo de mim, acima do chão, cheguei à capela e contornei-a e comeci a ver-te, pai. Ao longe, o desenho da tua cama de pedra, última, o teu altar singelo (PEIXOTO, 2015, p. 52).

2 NOTA SOBRE UMA HERANÇA

A cena descrita acima poderia ser um desdobramento do *Cristo morto*, de Holbein, reaparecendo, de forma ainda mais direta, algumas páginas adiante: “Onde estás, pai, que me deixaste a gritar onde estás? Na angústia, preciso de te ouvir, preciso que me estendas a mão” (PEIXOTO, 2015, p. 61). Assim, quando se escreve sobre o pai, não se pode apenas levar em consideração o pai de forma isolada. Não está em jogo apenas a história contada do pai pelo narrador de Peixoto, mesmo que cada história seja marcada por suas peculiaridades. Derrida, que sempre se pôs na condição do herdeiro, escreve acerca de um duplo movimento na aceitação do gesto de herdar e seu tom contraditório. Para o filósofo, temos que levar em conta o fato de que, inicialmente, é a herança que nos elege. Somos, portanto, em alguma medida, enredados numa história que nos preexiste e da qual não fomos convidados a participar. E essa eleição acontece, segundo Derrida, de forma violenta. Em contrapartida, somos capazes de, como “sujeito livre”, “reafirmar” a herança recebida. Ele explica que reafirmar a herança não implica aceitá-la passivamente, mas reconhecer a possibilidade de “relançá-la de outra maneira e mantê-la viva”

(DERRIDA, 2004, p. 12). É nesse contexto da desconstrução da herança que o filósofo abre espaço para o que chama de “reinterpretação do dado”, estendendo-a também à filiação.

Na esteira dessa reflexão, a atividade literária também deve ser pensada à luz do que vem “antes de nós”; no caso, das escolhas dos escritores que elegemos. Semelhante à intertextualidade, mas sem se reduzir a ela, o cuidado da herança deve estar atento às camadas textuais que não se esgotam numa única voz. Ademais, para além do intertexto, a herança instaura o retorno à filiação, cujo caráter paradoxal reside no reconhecimento e aceitação dos pais que precederam aqueles narrados por nossos autores escolhidos e também na possibilidade de reafirmá-los, que pode ser um gesto de recriá-los na intenção de fazer a manutenção dos personagens que nos circundam e nos constituem. No relato de Peixoto, a herança é claramente um dos eixos temáticos: “Vou. Parto para o que sobra de ti e tudo são resquícios do que foste. Parto de ti, viajo nos teus caminhos, corro e perco-me e desencontro-me no enredo de ti, nasço, morro, parto de ti, viajo no escuro que deixaste e chego, chego finalmente a ti” (PEIXOTO, 2015, p. 25).

Por esses motivos, a minha leitura de *Morreste-me* não escapa de uma carta outra que a antecede, sendo também uma carta destinada ao pai. O pai de Kafka, lançado na impactante carta que o escritor lhe destina e que ele nunca recebe, atravessa, assim, toda a minha tentativa de propor pequenas costuras, visto que sou desde essa escolha literária já muito distante dessa conversa entre homens.

3 O FANTASMA DE UMA OUTRA

*Des fantômes, pourquoi convoque-t-on toujours les fantômes quand on écrit des lettres? On les laisse venir, on les compromet plutôt, et on écrit pour eux, on leur prête la main, mais pourquoi?
(La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà)*

(Re)começar a reler o pai através da herança kafkiana me leva a buscar antes a mãe escrita desse autor. A mãe surge na cena como aquela que estraga o narrador, declaradamente uma “criança medrosa” e teimosa, com “mimos” (KAFKA, 2011, p. 24). Essa mãe carrega o que ele chama de “bondade ilimitada” (2011, p. 44), ainda que essa bondade que é dirigida ao filho seja endereçada, de fato, ao marido dela – considerações baseadas segundo a perspectiva do narrador. Note-se que é impossível fugir desse pai por meio da mãe – por mais cumplicidade que se tenha tecido entre mãe e filho:

Se eu quisesse fugir de ti, teria de fugir também da família, até mesmo de mamãe. A gente sempre podia encontrar proteção junto dela, mas apenas no que diz respeito à

relação contigo. Ela te amava demais e havia se entregado a ti de maneira demasiado fiel, para que, na luta do filho, pudesse representar um poder espiritual autônomo por muito tempo (KAFKA, 2011, p. 52).

Notas discretas sobre a mãe constituem um interessante ponto de contato entre as narrativas de Kafka e de Peixoto. Todavia, a despeito dessas observações esparsas e insuficientes para traçar um quadro da maternidade para o gênero carta, não podemos simplesmente ignorar esse primeiro outro e sua escuta, sua bondade ilimitada e a devoção à imagem do pai. É por meio dessa imagem, marcada pela ausência da figura materna, que algo como o nós, reiteradamente evocado nessas cartas, ganha a cena, despertando a minha curiosidade de estrangeira nessa relação entre o pai e o filho. Está na epígrafe de outro livro de Peixoto, *Cemitério de pianos* (2008), sobre o qual não falarei nesse ensaio, uma pista crucial para juntar os fios dessa herança que me escapa. Reproduzo versículos do capítulo 17 do evangelho de São João, na tradução da Bíblia escolhida por Peixoto:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em Mim, para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. Dei-lhes a glória que Tu Me deste, para que sejam um como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim. Pai, quero que aqueles que Me deste, onde Eu estiver, também eles estejam Comigo, para que vejam a minha glória, a glória que Tu Me deste; porque Tu me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, se o mundo não Te conheceu, Eu conheci-Te, e estes conheceram que Tu Me enviaste. Dei-lhes a conhecer o Teu nome e dá-lo-ei a conhecer, para que o amor com que Me amaste esteja neles e Eu esteja neles também (EVANGELHO de São João apud PEIXOTO, 2008, p. 9).

4 RETORNO À HERANÇA: O NÓS

A herança bíblica está por toda parte. Na carta de Peixoto, pai e filho se tornam um através da experiência da dor, da doença física que acomete o pai, fazendo vir à tona a dor oceânica do filho. Nas primeiras páginas, uma breve descrição da passagem do pai pelo hospital constrói o laço entre os dois, estendendo o sofrimento de um à percepção do outro, que observa a vida do primeiro estiolar-se a contragosto dos dois. Sem poder interferir no processo, o filho sente uma dupla dor, que se reveste tanto na impotência do Pai, mortal e finito, quanto na sua própria fragilidade, que, diante da imagem de um pai poderoso e no entanto mortal, carrega o peso de uma onipotência às avessas, de modo a guardar vestígios da narração bíblica. “De três em três semanas, cinco manhãs seguidas viam-te ir ao tratamento; eu, teu filho, via-te ir ao tratamento e doía-me a vida; doía-me a vida que em ti se negava, a vida a gastar-te, ainda que a amasses, a vida derrubar-te, ainda que a amasses” (PEIXOTO, 2015, p.12). Um pouco antes

dessa descrição, ao deixar o pai no quarto do hospital, o verbo ser une os dois, e a voz do filho desde o início do relato já se mostra misturada à do pai. Ainda quando há mentira do filho, e talvez por isso mesmo, o vínculo se fortalece, criando algo para além do eu-tu, ou seja, um potente nós a ultrapassá-los resulta desse gesto protetor: “E menti-te. Disse aquilo em que não acreditava. Ao olhar amarelo, ofegante, disse que tudo serias e seríamos de novo” (PEIXOTO, 2015, p. 9). Mas o filho sabe que o destino do pai é a morte, e ser de novo, para ele, deve ser lido como um a partir dele, aquele que permanece e está envolvido numa espécie de aceitação e (re)criação da herança deixada pelo pai. Assim, o morto também permanece através do seu sucessor. Na cena em que o filho entra no quarto do pai, deixando-se envolver pelo que resta do pai – do cheiro de doença às roupas – o narrador se embaralha com a imagem do pai, a ponto de deixar-se ver nas feições dele.

vesti as tuas roupas e olhei-me no espelho sobre a cómoda. No reflexo, encontrei-te, vi-te passar a mão rapidamente pelo cabelo e alisar a roupa no corpo e acertar o colarinho da camisa. Pai, olhaste-me fixamente nos teus contornos de rapaz. E saíste para onde ias, que tinhas sempre destino. Vi-me igual a ti, nas tuas feições firmes. É-me difícil descrever o teu rosto (PEIXOTO, 2015, p. 39-40).

A descrição dos cabelos encaracolados desloca-se para o sorriso do pai, essa dimensão espiritual do rosto. No relato de Kafka, também o sorriso do pai é descrito pelo filho, o que atenua uma série de descrições que revelam o possível distanciamento entre eles, além de amenizar o cortante autoritarismo retratado pelo narrador: “Tu tens também um jeito de sorrir particularmente bonito, bem raro de se ver, um sorriso tranquilo, satisfeito, afável, que pode fazer feliz aquele a quem se dirige” (KAFKA, 2011, p. 42). Observa-se que o filho desse relato faz o duplo gesto de reconhecer a violência da herança, a respeito da qual não temos opção de escolha, e, ao mesmo tempo, a tentativa de fugir dessa influência. Na primeira parte, ele reconhece o peso dessa herança: “Naturalmente, não quero dizer que me tornei o que sou apenas através da tua ascendência. Isso seria por demais exagerado (e eu até me inclino a esse exagero)” (KAFKA, 2011, p. 21). Em seguida, o filho tenta se afastar de seu antecessor; entretanto, o pai retorna como um fantasma a ser pensado e considerado, mesmo não estando presente: “É bem possível que eu, mesmo se tivesse crescido totalmente livre da tua influência, não pudesse me tornar um ser humano na medida em que o teu coração o desejava” (KAFKA, 2011, p. 21). O narrador kafkiano queixa-se, em diversos momentos, do poder de seu pai. Outros papéis masculinos desempenhados por esse pai não teriam deixado o narrador kafkiano tão abalado quanto o de pai todo poderoso:

Eu teria sido feliz por ter a ti como amigo, como chefe, como tio, como avô, até mesmo (embora já mais hesitante) como sogro. Mas justamente como pai tu foste demasiado forte para mim, sobretudo porque meus irmãos morreram ainda pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar por inteiro e sozinho o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais (KAFKA, 2011, p. 22).

Se nesse relato o filho parece distanciar-se do pai, o que, em parte, abala a tese segundo a qual estamos diante da herança bíblica no caso de Kafka e, por conseguinte, do nós, é preciso buscar uma passagem na qual o mundo deles possa ser compartilhado, o que é diferente de uma mera repetição. Nesse sentido, é importante refletir minimamente sobre esse “nós” que não é apenas um jogo de espelhos entre pai e filho, mas sobretudo uma história que os envolve em pontos de contato e contraste, fazendo eclodir a (re)criação dessa filiação. Antes disso, retomo a descrição em que o mundo deles aparentemente se distancia ainda mais. Segundo o narrador, o pai não teria vivido nada tão desafiador quanto ele próprio teria buscado viver, ainda que essa ambição seja algo relativamente prosaica na visão do senso comum. Para o narrador, o auge de uma existência se sustenta no seguinte roteiro: “Casar, fundar uma família, aceitar todas as crianças que vierem, mantê-las nesse mundo incerto e inclusive conduzi-las um pouco é, segundo minha convicção, o máximo entre todas as coisas que um homem pode alcançar” (KAFKA, 2011, p. 78). O projeto frustrado do narrador, que pode parecer caricato, toca, no entanto, na própria manutenção da herança, ou de sua via mais evidente, que é a de perpetuar a espécie. Por isso, por ter tido um pai que passou por essas experiências, cuja vida, para além do projeto frustrado do seu sucessor, “foi bem mais rica e bem mais cheia de preocupações e mais densa” do que a do filho (KAFKA, 2011, p. 78), desperta a sensação de leitura de que algo substancial, a ponto de ser chamado de legado, não passou de um para o outro. Como resposta a essa possível objeção, deixo duas passagens intrigantes dessa carta. A primeira delas se segue a uma divisão entre o puro e o impuro: “Se o mundo, portanto, consistia apenas em *mim e em ti*, uma ideia à qual me inclinava muito, então essa pureza do mundo acabava em ti; e comigo, por força do teu conselho, começava a sujeira” (KAFKA, 2011, p. 82; grifos meus), que o leva a uma cartografia semelhante à do evangelho segundo São João.

Assim como somos, porém, o casamento está vedado para mim, pelo fato de que ele é precisamente o teu domínio mais próprio. Às vezes imagino o mapa-múndi aberto e tu estendido transversalmente sobre ele. Então tenho a sensação de que para mim entrariam em consideração apenas as regiões que tu não cobres ou que não estão ao teu alcance. De acordo com a imagem que tenho do teu tamanho, essas regiões não são muitas nem muito consoladoras, e o casamento não está entre elas (KAFKA, 2011, p. 88-89).

Esse mundo dividido entre os dois, mapa-múndi estrangeiro ao meu alcance, abarca apenas os dois, o que é flagrantemente bíblico. Ainda que não seja uma vida duplicada, e o que

filho apareça em constante desvantagem em relação ao pai, são os dois que habitam um mundo que me soa impenetrável e dele só tenho acesso por ouvir dizer – mesmo sendo também convidada a participar desse nós, mesmo sendo historicamente habitada por esse nós. A segunda resposta a uma possível objeção está no espaço que o narrador dá à voz do pai. Há um momento, na parte final da carta, em que o narrador deixa o pai falar através de sua escrita. E o pai defende-se através do filho. Isso acontece porque o pai habita o filho, ainda que seja, como expresso nas palavras, de forma parasitária. Escreve o pai através do filho: “Ou muito me engano, ou tu parasitas em mim com esta carta” (KAFKA, 2011, p. 95). Em outras palavras: a escrita do filho-pai, capaz de imaginar um discurso com várias objeções frente ao relato contundente do filho, também desenvolve uma autocrítica de muitas voltas – talvez um traço indelével de que o sentimento de “desconfiança” os une na qualidade de um “nós” de (re)criação dessa filiação literária seminal. Depois de fechar as aspas da escrita do pai, o filho termina a carta com uma réplica, espécie de reconhecimento dessa herança que estimula o pôr-se no lugar do outro: “A isso respondo que, toda essa objeção, que em parte também pode ser voltada contra ti, não provém ti, mas de mim. Nem mesmo a tua desconfiança com os outros é tão grande quanto a minha autodesconfiança, para a qual me educaste” (KAFKA, 2011, p. 95-96).

A carta de Peixoto não dá voz ao pai senão como um esboço silencioso dessa voz na contemplação meditativa desse narrador diante do tumulto do pai ou em outro momento de exceção. No diálogo imaginário entre pai e filho, que guarda semelhanças com o de Kafka por ser de deslocamento de si e aproximação com o outro, o pai está também no filho; e o filho, também impuro como o filho Kafka, se revela contaminado pela memória do que poderia ser dito por seu antecessor. O sorriso paterno dessa vez é lembrado na carta de Peixoto. Em Kafka, a descrição do sorriso do pai acompanha também sentimentos como o de amor e situações de bondade, as quais são flagradas pelo narrador, contribuindo para reparar uma imagem autoritária e os danos causados ao filho medroso.

O teu nome importante, pai. Escrito para sempre, como as nuvens, como as coisas que não morrem. E o teu rosto esmaltado olhou-me muito. Não me vias há muito tempo. Olhámo-nos tanto e sei que tiveste vontade de me falar, de me perguntar. Conte-te as novidades da menina da minha irmã que ainda procura por ti, que já diz bem avô. E vi um sorriso no parêntese do teu olhar. Pai, debaixo do teu nome o dia em que nasceste, o dia em que morreste. Lembras-te de quando te trouxe?, o silêncio, o luto, e eu quis te levar. O carro parou (PEIXOTO, 2015, p. 53-54).

No fecho da carta de Peixoto (“Eras um pouco muito de mim”), desenrola-se uma descrição inusitada de luto que poderia ser chamado de narcísico, pois o narrador lamenta a morte do que dele era capaz de perceber no pai e que não terá mais acesso a um rosto que

continha algo que era dele, como se fosse possível flagrar algo de exclusivo de si mesmo no outro – no caso seria como apanhar algo de si na relação estabelecida pelo olhar do pai. Há de se ler o que segue como uma espécie de superação do pai, na medida em que o pai leva algo da percepção que tinha do filho como alguém singular e que era percebido pelo filho, o que é diferente de lamentar a morte daquele que parte, além de ir na contracorrente de uma herança tradicional, ou seja, que é recebido pelos antepassados. Nesse caso se trata de um lamento daquele que permanece vivo. No entanto, como já retomamos desde Derrida, não se escapa de uma herança; ademais, não se vive sem os fantasmas dos que partiram. “Eras um pouco muito de mim. Descansa, pai. Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai. Nunca esquecerei” (PEIXOTO, 2015, p. 62).

5 O PAI E A LEI

A bondade pode ser percebida nas cartas ao pai – e o pai de Kafka, um homem bondoso, constitui um exemplo que quebra as expectativas em relação a fraquezas que ele instaura no filho. Todavia, a imagem do pai associa-se especialmente aos desígnios da lei e suas possíveis consequências disfóricas. A carta de Kafka mostra-se emblemática no tocante a essa relação. O pai de Kafka, que o leva à divisão do mapa-múndi em dois, em outro momento atua como o opressor, a medida de todas as coisas. Vejamos o lugar ocupado pelo narrador nesse mundo:

[...] o homem que de maneira tão grandiosa era a medida de todas as coisas não atendia ele mesmo aos mandamentos que me impunha. Por causa disso o mundo foi dividido em três partes para mim, uma onde eu, o escravo, vivia sob leis que tinham sido inventadas só para mim e às quais, além disso, não sabia por que, eu nunca podia corresponder plenamente; depois, um segundo mundo, infinitamente distante do meu, no qual tu vivias, ocupado em governar, dar ordens e te irritares com o não cumprimento delas; e finalmente um terceiro mundo, no qual as outras pessoas viviam felizes e livres de ordens e de obediência. Eu vivia sempre na vergonha, ou seguia tuas ordens, o que era uma vergonha, pois elas valiam apenas para mim; ou me mostrava teimoso, o que também era uma vergonha, pois como é que poderia me mostrar teimoso diante de ti? (KAFKA, 2011, p. 33-34).

Para compreender a relevância histórica desse pai e seu vínculo com a lei, podemos buscar um modelo de linguagem que contemple a história da humanidade – essa narratividade que depende da figura de um pai para estabelecer sentido, interpretar traumas advindos de seu poder e influência e até mesmo para reelaborá-los. Ao buscarmos o modelo de linguagem proposto por Julia Kristeva em *A revolução da linguagem*, que reaparece em *Sentido e contrassenso da revolta*, perceberemos que o papel do pai é fundamental para a construção poética, mas também, em linhas gerais, para a formação de qualquer sujeito falante. Nesse modelo há duas modalidades

linguísticas: o semiótico e o simbólico². De modo demasiadamente sintético, considera-se que semiótico atua numa camada pré-sígnica, aquela dos infrassignificados, sendo dependente da malha de sentidos que envolvem o bebê na sua relação de dependência com os cuidados maternos. Especialmente na poesia de vanguarda e no discurso dos psicóticos, as marcas do semiótico são assaz evidentes, pois podem ser facilmente percebidas através da musicalidade que resgata essa experiência rítmica e pulsional num arranjo sintático que soa, muitas vezes, estrangeiro ao uso corrente da sintaxe. Desse modo, o acesso ao semiótico depende da aquisição sintática e, por conseguinte, das leis que envolvem a linguagem. Na retomada histórica dessas leis, segundo os modelos freudianos da linguagem recuperados por Kristeva³, entramos em contato com o pai e, por conseguinte, com a lei. Podemos voltar ao próprio Freud, em *Totem e tabu*, na intenção de retomar o acordo proposto pelos homens para prolongar as suas vidas, evitando, assim, serem assassinados pelos próprios filhos. Esse interdito, que funda a nossa civilização, está na base da nossa linguagem e consiste num acordo firmado entre os homens da mesma família para evitar conflitos e prolongar as suas vidas. Ora, na base da nossa linguagem, está um acordo que legitima as interdições sexuais e, por conseguinte, instaura o respeito pelos nossos antecessores. Subjaz a esse interdito que funda a nossa civilização a tensão entre corpo e o pensamento. Percebe-se que o modelo de linguagem seguido por Kristeva leva em conta a escolha de uma herança que privilegia o conflito entre o corpo e pensamento – por isso a opção por Freud, que promove um retorno a um marco da nossa história arcaica.

Mais de uma vez, ecoa no relato de Peixoto uma rara aparição da voz pai, que é amplamente evocado, em contraposição ao pai kafkiano, como um pai benevolente, generoso, extremamente bondoso. Nesses breves momentos de eclosão da voz, o pai se apresenta ao lado da lei. Diz o pai desse narrador: “Orienta-te, rapaz” (PEIXOTO, 2015, p. 11). Em seguida, o filho, sem hesitar, escreve como resposta obediente ao pai: “Eu oriento-me, pai. Não se preocupe” (PEIXOTO, 2015, p. 11). No contexto desse fragmento, o filho reproduz uma lembrança da infância. Sobre a rememoração do quintal construído pelo pai, o narrador segue, de forma obediente: “Eu oriento-me, pai. Não se preocupe” [...]; “Eu oriento-me, pai. Não se rale” (PEIXOTO, 2015, p. 11). Na sequência da descrição do quintal da infância, se desenha um corte abrupto, e o narrador assume o papel do pai – já é o relato do tempo da doença, e da impotência diante da morte: “Se pudesse tinha-te protegido. Chamavas-me pelo nome, chamavas-me filho, e ouvir o meu nome na tua voz, e ouvir filho no fio cálido da tua voz era uma emoção funda. Se

² Cf. *La révolution du langage poétique*, 1974, p. 17-100.

³ Retomo esses modelos no subcapítulo intitulado “Imaginação melancólica e Modelos freudianos de linguagem”, do artigo “Julia Kristeva: pensadora dos cruzamentos de sentidos”. In: PACHECO, Juliana (Org.) *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 279-283. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/filosofas>>.

pudesse tinha-te protegido” (PEIXOTO, 2015, p. 12). O narrador chama de ensinamento o que se soma à ordem “orienta-te”, o que não pode ser meramente reduzido à força de lei, no entanto algo tênue da lei paterna entra na cena nessa explicação de como regar árvores e flores: “Anoitecia devagar e, a esta hora, nesta altura do ano, desenrolavas a mangueira com todos os preceitos e, seguindo regras certas, regavas as árvores e as flores do quintal; e tudo isso me ensinavas, tudo isso me explicavas” (PEIXOTO, 2015, p. 18). Dessa memória se segue uma reflexão sobre a brevidade da vida do pai, que, contrariando as expectativas de seu sucessor, não chegou à velhice, sendo entrecortada pelo eco da voz paterna, cuja chamada por orientação pode ser lida como um conselho para a condição atual do filho – espécie de conforto para a superação do luto: “Sinto tanta falta das tuas palavras. Orienta-te, rapaz. Sim. Eu oriento-me, pai” (PEIXOTO, 2015, p. 19). O embaralhamento entre lei, conselho e conforto reaparece no fecho do relato, organizando a dor oceânica do filho, protegendo-o.

Não se aflija, pai. Sou forte nesta terra nos meus pés. Sou capaz e vou trabalhar e vou trazer de novo aqui o mundo que foi nosso. Vou mesmo, pai. O mundo solar. Reconhecê-lo-ei, porque não o esqueci. E também o tempo será de novo, e também a vida. Sem ti e sempre contigo. A tua voz a dizer orienta-te, rapaz. Não se apoquente, pai. Eu oriento-me. Pai, não se preocupe comigo, eu oriento-me (PEIXOTO, 2015, p. 60-61).

Na carta de Kafka, o processo é o de exacerbação da força dessa lei paterna. Emudecido pelo pai, o narrador reclama ter desaprendido a falar. E esse gesto da violência da lei e seu consequente emudecimento pode ser o desencadeador de seu processo de escrita.

A impossibilidade da relação tranquila teve uma outra consequência, muito natural no fundo: eu desaprendi a falar. Por certo eu não teria sido, sendo outro o contexto, um grande orador, mas sem dúvida teria dominado a linguagem humana corrente e comum. Mas tu me proibiste a palavra desde cedo, tua ameaça: “Nenhuma palavra de contestação!” e querias com isso fechar a boca das desagradáveis forças opostas a ti que existiam em mim, mas essa influência era demasiado forte para mim, eu era demasiado obediente e calava de todo [...] (KAFKA, 2011, p. 36-37).

6 REVOLTA E ESCRITA

A carta escrita ao pai pode ser lida como uma resposta, desdobramento revoltado diante do emudecimento causado pela lei paterna. Trata-se de gesto de corpo que não precisa da emissão da voz: ele faz uso das mãos. Mas ainda estamos diante de pai e é possível que algo aconteça justamente porque o pai permanece na cena. Kristeva, em *Sentido e contrassenso da revolta*, sustenta a tese segundo a qual a experiência-revolta depende, em alguma medida, de um pai e sua autoridade, ao lançar a seguinte reflexão: “se o homem revoltado é um homem religioso, o que

acontece quando o homem não é mais religioso? Será que ele ainda é revoltado?” (2000, p. 31). Se considerarmos sobretudo o pai no âmbito dessa religiosidade, o gesto da escrita é aquele capaz de abalar essa autoridade, de conduzir a uma reação contra a lei. Se não fosse esse pai, será que o narrador kafkiano teria permanecido com atividade de escrita, essa profissão de escritor? Especulações à parte, ele mesmo ensaia uma resposta que contribuiu para a formulação dessa hipótese. Sobre a escolha da profissão, eis o comentário do narrador: “Claro, aqui tu me deste inteira liberdade em teu jeito generoso e nesse sentido até paciente. [...] Quando era criança, em tua opinião, eu estudava sem parar mais e mais tarde escrevia sem parar” (KAFKA, 2011, p. 70-71). Outro ponto que deve ser mencionado diz respeito ao corpo daquele que escreve e sua disposição para a doença. De pequenos gestos como ficar à espreita da digestão, da queda dos cabelos, de um desvio de coluna até, de fato, acontecer uma doença para além das ficcionais, ele se pergunta:

O que significava tudo isso? Não uma doença física, na verdade. Mas uma vez que eu não estava seguro de coisa alguma, uma vez que precisava obter de cada instante uma confirmação de minha própria existência e não era dono de nada que pertencesse claramente a mim – era um filho deserdado –, no fundo era natural que até a coisa mais próxima, o meu próprio corpo, se tornasse incerto para mim (KAFKA, 2011, p. 72).

Costa Lima investiga as cartas e diários de Kafka para chegar à conclusão de que a maior queixa do escritor se localiza no corpo⁴ (1993, p. 40). Trata-se daquela tensão entre corpo e pensamento sobre a qual já comentei via Freud e Kristeva. Reflexões sobre a atividade da escrita deveriam passar pelas inspeções produzidas na própria carne de seus autores, desvelando as suas conseqüentes angústias. No desafio da escrita, a imagem do pai – que simboliza a lei, ou em outras palavras, a luta sintática que atravessa os escritores em busca de estilo próprio, – habita a busca por um espaço próprio, sendo esta também a necessidade de um tempo próprio. Blanchot explica que não se trata de “passar o tempo escrevendo”, no sentido de dedicar todo o tempo ao trabalho, “mas de passar para um outro tempo onde não existe mais trabalho, de se aproximar desse ponto em que o tempo está perdido, onde se ingressa no fascínio e na solidão da ausência de tempo” (2011, p. 56-57). A despeito de estar ou não doente, condição que também contribui para a relação corpo-escrita, essa solidão, essa retirada do mundo, requereria ser pensada à luz do duplo movimento da herança derridiana. O que significa sair de cena quando se tem um antecessor, um pai? É possível escrever sem um pai? Cumpre lembrar que essas são questões da minha condição estrangeira nessa análise.

⁴ Reproduzo um fragmento do primeiro Diário de Kafka, que é retomado por Costa Lima: “escrevo isso certamente determinado pelo desespero por meu corpo e pelo futuro com esse corpo” (1993, p. 40).

Houve anos em que, mesmo completamente saudável, passei mais tempo vagabundeando sobre o canapé do que em tua vida inteira, incluídas todas as tuas doenças. Quando eu fugia de ti, sumamente atarefado, era, na maioria das vezes, para ficar deitado no meu quarto. Tanto no escritório (onde a preguiça não chama muito a atenção e onde, além disso, ela era mantida dentro dos limites pelo meu medo, no entanto) quanto em casa, meu rendimento geral era mínimo; se tivesses uma visão geral a respeito disso, tu ficarias horrorizado. É provável que eu nem seja preguiçoso por natureza, mas eu não tinha nada a fazer. Nos lugares em que vivia eu me sentia recriminado, condenado, derrotado e ainda que me esforçasse de maneira extrema pra fugir a outros lugares isso não era um trabalho, pois se tratava de algo impossível, inalcançável para as minhas forças, não contadas algumas pequenas exceções (KAFKA, 2011, p. 73).

Foi a partir dessa situação que o narrador kafkiano reconhece ter recebido o que chama de “liberdade para escolher minha profissão”, apesar da desconfiança que carrega: “Mas será que, no fundo, eu ainda era capaz de aproveitar tal liberdade?” (KAFKA, 2011, p. 73).

No relato de Peixoto, mesmo quando o pai se deixa descrever de modo a enaltecer suas qualidades, como atestam os fragmentos desse narrador, algo da escrita-revolta se manifesta. Mas aqui não localizamos as queixas de um filho doente a romper com um pai tirano. Não temos acesso ao que teria levado o narrador de *Morreste-me* a esse gesto que desvela a sua secreta desobediência, já que escrever adquire o caráter de desafiar a lei e, por conseguinte, o pai. Por que a opção por esse ofício perturbador diante de um pai bondoso? Não temos um narrador com traços de hipocondria – nem mesmo temos o mínimo sinal de suas doenças fictícias ou não. Não temos o relato do possível afastamento desse narrador, de sua busca por um espaço de escrita longe dos olhos paterno. Sabemos, no entanto, que este livro foi inaugural e precisou da morte do pai, desencadeando a sua profissão de escritor. Segundo o próprio autor, em entrevista para o *Jornal Estadão*, ele diz: “Cada frase foi escrita com muita dificuldade. Lembro-me de passar muito tempo diante da folha e, no fim do dia, ter duas, três frases, não mais”. No entanto, como conta na reportagem, o reconhecimento de que estava diante de um livro demorou mais de um ano: “Foi só mais tarde, quando percebi que nunca poderia escrever algo que se lhe comparasse, que me apercebi do quanto se tratava de um texto único. Então, decidi publicá-lo⁵”.

Morreste-me nasce depois de meses da morte do pai⁶. Nesse relato a temporalidade se impõe, substituindo e condensando possíveis declarações sobre o ato de escrever, as quais, no relato de Kafka, foram penosamente desenvolvidas. Aqui, pode-se ler que a herança paterna é vivida até a última lembrança do corpo doente do pai. Na imagem do relógio de pulso do pai, retirado da gaveta pelo filho, a marcação de um tempo “interminável” se reflete pela recusa de

⁵ Reportagem e entrevista realizada por Maria Fernanda Rodrigues, para o Estadão. “José Luís Peixoto lança 'Morreste-me', delicada narrativa sobre a morte de seu pai”. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,jose-luis-peixoto-lanca-morreste-me-delicada-narrativa-sobre-a-morte-de-seu-pai,1682493>>.

⁶ Idem. “José João morreu em janeiro. José Luís começou a escrever sobre sua perda em maio”.

deixar partir essa herança cujo espaço aporético é o de estar na ausência. O fragmento a seguir poderia fazer parte daqueles gestos das personagens kafkianas que, nas palavras de Adorno, eternizam “instantes congelados” (1998, p. 248).

Parada no ar, a minha mão dirigiu-se à tua gaveta. E, onde o pousaste cansado, o teu relógio de pulso, ainda à tua espera, ainda a passar os segundos: um outro outro outro: segundos a sobreporem-se ainda, mesmo depois de ti, ainda segundos e tempo, como se nada lhes tivesse alterado o labor tênue de tecer um fio delgado interminável, como se fosse interminável o tempo, o fio tênue, como se não pudesse ser cortado a qualquer instante, a qualquer segundo, como se não tivesse sido cortado, abruptamente cortado, para nunca mais voltar a unir, nunca mais nos voltar a unir. Abri a bracelete do teu relógio e fechei-a no meu pulso. Ainda as marcas de suor, ainda tu (PEIXOTO, 2015, p. 42).

Arrisco-me a escrever que se trata de um tempo que se inaugura para além dos dois, um tempo que, apesar da minha estrangeiridade, deixa-se acompanhar obliquamente – um tempo de escrita, perdido, inalcançável. “Há os instantes que vivemos mil vezes juntos e que agora nascem sem nós e nos ultrapassam” (PEIXOTO, 2015, p. 29).

ABSTRACT: The approach used to study *You Died on Me*, by José Luís Peixoto, is based on the perspective of this author, that is, a foreign status in the bond between the father and the son. From the (im)possibility of reaching the place of the other, the son's, I establish the notion of textual seams in order to get closer to the father's mourning narrative. To read this account of confessional tone, I bring in the notion of inheritance, according to Jacques Derrida's considerations in Elisabeth Roudinesco's interview with the latter. From this affiliation perspective, I choose *Letter to His Father*, by Kafka, to accompany me in an attempt to bring together the textual fragments of this loss. Going further in foreign literature, I also turn to the contributions of Julia Kristeva in *The Sense and Non-Sense of Revolt*, regarding the prohibition of the paternal law and the consequent experience-revolt coming from the activity of writing.

KEYWORDS: Inheritance. Writing. Otherness. Confessional account. Foreign status.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Prismas*. Crítica cultural e sociedade. Trad. Augustin Wernet e Jorge de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Escolher sua herança. In: *De que amanhã: Diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

JARDIM, Luciana Abreu. Julia Kristeva: pensadora dos cruzamentos de sentidos. In: PACHECO, Juliana (Org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 279-283. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/filosofas>>.

- KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique. L'avant-garde à la fin du XIXe siècle*. Lautréamont et Mallarmé. Paris: Seuil, 1974.
- KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes de limites da psicanálise I*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PEIXOTO, José Luís. *Cemitério de pianos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Porto Alegre; São Paulo: Dublinense, 2015.
- PONTALIS, J. B.; MANGO, Edmundo Gómez. Com Romain Rolland. In: *Freud com os escritores*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. “José Luís Peixoto lança 'Morreste-me', delicada narrativa sobre a morte de seu pai”. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,jose-luis-peixoto-lanca-morreste-me-delicada-narrativa-sobre-a-morte-de-seu-pai,1682493>>. Acesso em: 25 ago. 2017.